



# UMA ANÁLISE DOS ESPAÇOS ESCOLARES A PARTIR DAS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS EM SALA DE AULA: UM ESTUDO DE CASO

## AN ANALYSIS OF SCHOOL SPACES FROM ACTIVITIES DEVELOPED IN THE CLASSROOM: A CASE STUDY

Kamila Aparecida Kamke Pereira<sup>1</sup>, Mônica Pereira Andrade Nascimento<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Acadêmica de Pedagogia do Centro Universitário do Espírito Santo – UNESC. <sup>2</sup> Mestre em Educação pela Universidade Federal do Espírito Santo. Atualmente é responsável pela Coordenação da Equipe Técnica da Secretaria Municipal de Educação de Colatina, nas Ações de Monitoramento do Plano Municipal de Educação, junto ao Fórum Municipal Permanente de Educação. É professora no Centro Universitário do Espírito Santo - UNESC Campus Colatina, no curso de Pedagogia.

### RESUMO

O presente projeto analisou os espaços escolares objetivando aprimorar a formação teórico-prática por meio da pesquisa na graduação, a partir da análise sobre as práticas de uso desses espaços na realidade local. A pesquisa de campo foi realizada pela estudante bolsista em uma escola da rede pública municipal. O estudo abordou os espaços, a saber: pátio/quadra, corredores e sala de aula. A escola participante foi definida por sorteio. Após a coleta dos dados e produção dos relatórios, a aluna de iniciação científica e a professora-orientadora identificaram as estratégias de utilização dos espaços pesquisados e forneceram à escola a devolutiva produzida. A realização do estudo subsidiou a estudante bolsista de IC quanto aos procedimentos necessários a serem observados em uma pesquisa de campo, bem como propiciou uma aproximação do Centro Universitário do Espírito Santo - UNESC com a rede pública de ensino, promovendo a reflexão das práticas escolares.

**Palavras-chave:** Práticas educativas, Ensino fundamental, Gestão escolar, Espaços escolares.

### ABSTRACT

The present project analyzed the school spaces in order to improve the theoretical-practical training through research in undergraduate courses, based on the analysis of the practices of using these spaces in the local reality. The field research was carried out by the scholarship student at a school in the municipal public school. The study addressed the spaces, namely: patio / court, corridors and classroom. The participating school was chosen by lot. After collecting the data and producing the reports, the undergraduate student and the teacher-advisor identified the strategies for using the researched spaces and provided the school with the feedback produced. The realization of the study subsidized the IC scholarship student regarding the necessary procedures to be observed in a field research, as well as providing an approximation



of the University Center of Espírito Santo - UNESC with the public school system, promoting the reflection of school practices.

**Keywords:** Educational practices, Elementary Education, School Management, School Spaces.

## INTRODUÇÃO

Ao longo da trajetória educacional em nosso país, as características do que seja um espaço adequado para o desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem mudaram de acordo com as concepções educacionais e do que estas defendiam como espaços apropriados para o aprendizado. Como exemplos dessas mudanças, podem-se citar as escolas-parque da década de 50, as escolas polivalentes da década de 70 e os modelos arquitetônicos do Programa Proinfância recomendados atualmente.

O termo espaço escolar se refere aos locais onde acontecem as atividades escolares que apresentam características próprias definidas pelos móveis, organização do espaço e recursos didáticos disponíveis. As novas práticas metodológicas exigem novas estratégias de utilização dos espaços escolares, desde a sala de aula ao pátio, quadra, banheiros, refeitório, bibliotecas etc.

É importante perceber e aceitar que se pode reinventar a escola. Conforme as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (BRASIL, 2013, p. 27):

Essa ampliação e diversificação dos tempos e espaços curriculares pressupõe profissionais da educação dispostos a reinventar e construir essa escola, numa responsabilidade compartilhada com as demais autoridades encarregadas da gestão dos órgãos do poder público, na busca de parcerias possíveis e necessárias, até porque educar é responsabilidade da família, do Estado e da sociedade.

A partir desta afirmação surgem questionamentos importantes acerca da efetiva utilização dos espaços escolares e, de como essa utilização, tem contribuído ou não para os processos educativos. As metodologias de uso desses ambientes são discutidas entre a equipe escolar? Esses espaços são percebidos como instrumento pedagógico no processo de ensino e aprendizagem? Que estratégias inovadoras são possíveis nos espaços escolares herdados de outras épocas e concepções pedagógicas?

O mapeamento das práticas dos usos dos espaços escolares objetivou aprimorar a formação teórico-prática por meio da pesquisa na graduação, a partir da análise sobre as práticas de uso dos espaços escolares na realidade local.

## **1 CONTEXTO HISTÓRICO DA CONSTITUIÇÃO DOS ESPAÇOS FÍSICOS ESCOLARES DO BRASIL COLÔNIA À REPÚBLICA**

Para Faria Filho e Vidal (2000), a constituição dos espaços físicos e tempos escolares foram sendo produzidos diferenciadamente ao longo da história da educação. Dessa forma, surgiram grandes desafios para a organização, no Brasil, de um sistema de ensino primário ou elementar que atendesse às necessidades impostas pelo desenvolvimento social e/ou às reivindicações da população.

Segundo Cardoso (1998), a construção de espaços adequados ao ensino, foram requeridos desde o século XVIII, bem como a definição de tempos de aprendizagem, que estavam relacionados não apenas à perspectiva de a escola vir a efetivar as funções sociais que lhe foram gradativamente delegadas, mas, também, à produção da singularidade da instituição escolar e da cultura que lhe é intrínseca.

A constituição da educação brasileira inicia-se com as escolas jesuíticas no período colonial e, posteriormente, as do período Imperial. Estas seriam uma transição das escolas jesuítas para as escolas republicanas, conhecidas por sua monumentalidade arquitetônica (WOLFF, 2010).

O período colonial foi marcado pelas escolas de improviso. Havia nessa época um número muito pequeno de escolas régias ou de cadeiras públicas de primeiras letras, constituídas a partir da segunda metade do século XVIII. Com professores reconhecidos ou nomeados como tais pelos órgãos de governos responsáveis pela instrução, essas escolas funcionavam em espaços improvisados, como igrejas, sacristias, dependências das Câmaras Municipais, salas de entrada de lojas maçônicas, prédios comerciais ou na própria residência dos mestres, que, em alguns casos, recebiam uma pequena ajuda do governo para financiar o aluguel. Os principais enfoques do ensino eram a aprendizagem da leitura, da escrita e do cálculo (BARBANTI, 1977; HILSDORF, 1986).

Ainda de acordo com os autores Faria Filho e Vidal (2000), foi na segunda metade do século XVIII que surgiram os debates em torno da constituição de espaços dedicados exclusivamente ao ensino e da fixação de tempos de permanência na

escola. Porém, essas discussões continuaram até meados da última década do século XIX. As primeiras mudanças começaram no Estado de São Paulo e depois se disseminaram por vários estados brasileiros.

Nesse sentido, as edificações escolares iniciadas em São Paulo, a partir de 1890, excederam a perspectiva restrita do funcionamento de seus programas, pois foram construídas visando à monumentalidade. Segundo Wolff (1992, p. 48):

A arquitetura escolar pública nasceu imbuída do papel de propagar a ação de governos pela educação democrática. Como prédio público, devia divulgar a imagem de estabilidade e nobreza das administrações [...] Um dos atributos que resultam desta busca é a monumentalidade, consequência de uma excessiva preocupação em serem as escolas públicas, edifícios muito “evidentes”, facilmente percebidos e identificados como espaços da esfera governamental. (WOLFF, 1992, p. 48).

Yoshisato e Francisco (2015) explicam que as escolas republicanas têm um papel muito importante para o entendimento da arquitetura escolar atual, pois deixa como herança os espaços rígidos e trancados das escolas. Na República Velha, tinham-se prédios escolares monumentais que, de acordo com Kowaltowski (2011), são marcados pelos ideais positivistas do governo. Sua arquitetura é caracterizada pelo neoclássico incorporado da cultura europeia.

As instituições escolares apresentavam, em sua maioria, pés-direitos altos, imensas escadarias e planta simétrica, este último revelando os valores da época, uma vez que as alas femininas e masculinas ficavam separadas. Existia, também, uma parede divisória entre as alas para que houvesse total separação, tanto física como visual. Nessa época, a escola era um ambiente muito rigoroso, assim sendo, a estrutura do espaço deveria permitir uma geometria de observação. Os alunos eram vigiados o tempo todo, até mesmo quando estavam em sala de aula, no seu momento de aprendizado.

Faria Filho e Vidal (2000) destacam que, embora não instalados em todo o território nacional, os grupos escolares nos anos 1920 e 1930 sofreram modificações na forma e na cultura escolares. As reformas de ensino inspiradas em ideais escolanovistas<sup>1</sup>, os quais prezavam a diversidade de propostas e defendiam suas diferentes realizações, tenderam a dar novo sentido aos tempos e espaços escolares.

---

<sup>1</sup>No Brasil, as ideias da Escola Nova foram inseridas em 1882 por Rui Barbosa (1849-1923). O grande nome do movimento na América foi o filósofo e pedagogo John Dewey (1859-1952). John Dewey, filósofo norte-americano, influenciou a elite brasileira com o movimento da Escola Nova. Para John

Na década de 30, com a ascensão de Getúlio Vargas ao poder, criam-se novas diretrizes para a educação a partir do seu Projeto de Nação centralizada e com base nas políticas trabalhistas (GHIRALDELLI, 1990). O Presidente era simpático aos ideais modernistas defendidos pela Semana de Arte Moderna de 1922<sup>2</sup> e à sua arquitetura. Assim, a renovação das diretrizes educacionais tem reflexo na arquitetura escolar que assume uma nova configuração.

De acordo com Kowaltowski (2011), a estrutura escolar gradualmente deixou de ser compacta, desaparecendo a divisão entre os sexos. Apresentava características mais flexíveis, deixando o térreo livre para as atividades recreativas. As instituições escolares começaram a ter uma maior preocupação com o conforto e a infraestrutura.

Neste período, destaca-se o modelo arquitetônico inspirado na concepção do movimento educacional denominado Escola Nova. No Brasil, a referência para esta concepção de educação foi o teórico Anísio Teixeira, que idealizou as Escolas Parque, que deveriam proporcionar aos estudantes espaços escolares que permitissem experiências sensoriais e práticas, de forma que todo o trabalho pedagógico tivesse conexão com a prática.

Dewey (2010), o idealizador do movimento escolanovistas, ressaltava que o estímulo e o interesse do aluno deveria ser proporcionado por meio de experiências vividas no cotidiano. O currículo escolar considerava o aprendizado das disciplinas convencionais e previa espaços favoráveis para integração e socialização dos alunos, preparando-os para o trabalho e para o exercício da cidadania. Preocupava-se com os aspectos de saúde, cuidado com a alimentação, higiene, prática esportiva e artística.

A Escola Parque foi pensada “[...] com uma dinâmica e uma estrutura que lembravam uma universidade mirim a ser desdobrada em outros locais da cidade de

---

Dewey, a Educação é uma necessidade social. Por causa dessa necessidade, as pessoas devem ser aperfeiçoadas para que se afirme o prosseguimento social.

<sup>2</sup> A Semana de Arte Moderna de 1922 foi uma manifestação artístico-cultural que ocorreu no Teatro Municipal de São Paulo, de 11 a 18 de fevereiro de 1922. O evento reuniu diversas apresentações de dança, música, recital de poesias, exposição de obras - pintura e escultura - e palestras. Os artistas envolvidos propunham uma nova visão de arte, a partir de uma estética inovadora inspirada nas vanguardas europeias. Houve um rompimento com a arte acadêmica, inaugurando, assim, uma revolução estética e o Movimento Modernista no Brasil.

Salvador e do interior da Bahia, para acompanhar o processo de urbanização e a incipiente industrialização que se instalava” (ALMEIDA, 2001, p.128).

Na inauguração da primeira Escola Parque, Anísio Teixeira disserta sobre o que pretendia com a implantação da instituição:

Desejamos dar, de novo, à escola primária, o seu dia letivo completo. Desejamos dar-lhe os seus cinco anos de curso. E desejamos dar-lhe seu programa completo de leitura, aritmética e escrita, e mais ciências físicas e sociais, e mais artes industriais, desenho, música, dança e educação física. Além disso, desejamos que a escola eduque, forme hábitos, forme atitudes, cultive aspirações, prepare, realmente, a criança para a sua civilização – esta civilização tão difícil por ser uma civilização técnica e industrial e ainda mais difícil e complexa por estar em mutação permanente. E, além disso, desejamos que a escola dê saúde e alimento à criança, visto não ser possível educá-la no grau de desnutrição e abandono em que vive. (TEIXEIRA, 1959, s/p).

Para que a instituição escolar atingisse, de fato, seus objetivos, a escola foi estruturada em dois setores: um destinava-se à instrução e outro à educação. No setor de instrução, “[...] manter-se-ia o trabalho convencional da classe, o ensino de leitura, escrita e aritmética e mais as ciências físicas e sociais”. O setor de educação concentraria a força da escola ativa desenvolvendo “[...] atividades socializantes, a educação artística, o trabalho manual e as artes industriais e a educação física.” (TEIXEIRA, 1959, s/p).

O modelo escolar pretendido por Anísio Teixeira era excelente, mas essa proposta teve muitas dificuldades para se confirmar como uma nova política pública de ensino a ser empregada no Brasil. O grande objetivo era tornar possível o acesso a uma educação de qualidade para todo cidadão brasileiro. Nesse sentido, a principal dificuldade para a disseminação das Escolas Parque pelo país era o seu alto custo, um projeto considerado ambicioso e caro. Para tal crítica, Anísio Teixeira respondeu: “[...] É custoso e caro porque são custosos e caros os objetivos a que visa. Não se pode fazer educação barata – como não se pode fazer guerra barata.” (TEIXEIRA, 1959, p.37).

Conforme Marcílio (2005), com o fim da Era Vargas e o início da Segunda Guerra Mundial se estabelece uma nova política no país, mais democrática e popular, que ficou conhecida como Populismo. Nesse período tem-se uma educação mais liberalista, e a política desenvolvimentista do Presidente Juscelino Kubistchek fez com que houvesse pressa na construção de prédios escolares. Para Kowaltowski (2011), durante os anos 1960 viu-se a necessidade de uma nova concepção, que estivesse vinculada com os princípios da arquitetura moderna e que atendesse às necessidades

de tempo e recursos escassos. Dessa forma, foi necessário o investimento em novas técnicas de construção, aderindo à estrutura em concreto independente, alvenaria em blocos de concreto aparente, laje pré-moldada e o uso de telhas de fibrocimento para a cobertura.

A Ditadura Civil Militar, ocorrida no período de 1964 a 1985 no país, contribuiu para a estagnação. Segundo Kowaltowski (2011), as verbas eram insuficientes para a construção de escolas, então, os governos estaduais, por meio das redes escolares, definiram as quantidades e locais nos quais seriam atendidos. Dessa forma, criaram-se prédios escolares simplificados, obras utilizando materiais pré-moldados e de rápida construção e o uso de alvenaria aparente. De acordo com Lima (1989), as escolas tinham cada vez menos infraestrutura, sendo o espaço considerado padronizado rigoroso, que primava pela disciplina. Os filhos das famílias das elites estudavam nas escolas monumentais republicanas, enquanto a população menos favorecida estudava em escolas precárias na periferia da cidade.

Para Lima e Souza (2016), é justamente nessa época que foi realizada a implantação das Escolas Polivalentes no Brasil. Essas instituições de cunho tecnicista apresentaram uma proposta com ênfase em promover o ensino garantindo a qualidade de uma educação pautada no ensino profissionalizante, com metodologia baseada na prática, e que contava com um significativo diferencial diante dos demais modelos em vigor, que era a possibilidade de proporcionar aos alunos a oportunidade de adentrarem no mercado de trabalho.

Conforme as ideias de Yoshisato e Francisco (2015), o movimento “Diretas Já” desencadeou o reinício da democratização no país, com a promulgação da Constituição de 1988, que prevê a educação como um dos direitos fundamentais do cidadão.

## **2 MATERIAIS E MÉTODOS**

Ao planejar a metodologia a ser efetivada na presente pesquisa, teve-se como objetivo aprimorar a formação teórico-prática por meio de ações que aproximem as possibilidades de conhecimentos sobre as diversas formas de uso dos espaços escolares.

Para realizar a coleta de informações, optou-se por adotar como referência os estudos de Lüdke e André (1986) acerca da pertinência da observação nas

abordagens de pesquisas na área educacional, pois esta pode ser utilizada como principal método de investigação ou pode ser associada a outras técnicas para promover a aproximação com o fenômeno a ser pesquisado.

A estruturação dos instrumentos de coleta efetivou-se por meio da elaboração de roteiros de observação e de questionários estruturados sobre os espaços escolares: pátio/quadra, corredores e sala de aula. Estes espaços foram observados com a presença dos atores da escola e sem a presença desses atores, sendo que, para cada etapa de observação, foi registrado um relatório específico. As entrevistas foram realizadas com estudantes do 4º ano do ensino fundamental, professores e funcionários da escola que sinalizaram positivamente em participar da pesquisa, totalizando nove sujeitos.

Os roteiros de observação foram preenchidos na primeira etapa da pesquisa, nos meses de outubro e novembro de 2019, e as entrevistas estruturadas realizadas no período da primeira quinzena de junho de 2020, por meio de correio eletrônico, devido às ações de combate à disseminação da COVID-19 que tem como principal protocolo o distanciamento social.

A Comissão de Ética em Pesquisa emitiu o parecer de número: 4.091.327, constando a devida aprovação para a realização da pesquisa.

A escola sorteada para a realização da pesquisa pertence à Rede Municipal de Educação de Colatina e atende estudantes dos 5 (cinco) aos 10 (dez) anos de idade, faixa etária que corresponde às etapas da Educação Infantil e aos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, e atende cerca de 240 estudantes, que denominaremos neste artigo de “Escola A”. As análises pautaram-se na organização e utilização dos espaços escolares citados anteriormente da escola pública sorteada para a pesquisa, observando as relações de ensino e aprendizagem que se estabelecem e se concretizam nesses espaços, mediadas pela organização espacial e disponibilização de equipamentos próprios para o espaço em questão.

#### **4 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS**

A seguir, será apresentada a análise dos dados obtidos nas entrevistas realizadas com os sujeitos da pesquisa, bem como os dados obtidos por meio da observação efetivada pela aluna bolsista de iniciação científica.

As professoras e alunos da Escola A, ao serem questionados sobre a interação no pátio/quadra no horário do recreio e ou intervalos da escola, afirmaram participar e interagir com os discentes na hora do recreio e nos intervalos. Uma docente em especial destaca que acompanha seus alunos na organização da fila da merenda, com uma contação de história, e sempre participa dos jogos e brincadeiras.

Em relação aos alunos entrevistados, todos afirmaram que gostam da hora do recreio e ou intervalos da instituição, pois são ofertadas atividades como leitura de livros, roda de conversa, lanche compartilhado, audição de música, brincadeiras e merenda gostosa. Em relação aos aspectos desagradáveis elas citam que o espaço é reduzido, gerando alguns conflitos entre os alunos, como discussões e desentendimentos e algumas crianças correm e acabam perturbando a ordem e a segurança de outros educandos.

De acordo com Carbello e Ribeiro (2020), a arquitetura da escola precisa privilegiar espaços de interação que objetivem a integração e socialização dos alunos, preparando-os para o trabalho e para o exercício da cidadania. Portanto, percebe-se que o uso do pátio nesta escola favorece a convivência dos estudantes e professores por meio da construção de acordos para que cada grupo possa usufruir do espaço com o mínimo de conflitos possível.

Quanto à análise dos corredores da escola, os alunos e professoras da Escola A relataram suas principais impressões. Entre as professoras foi unânime a resposta de que o corredor é um local de convivência entre alunos e entre alunos e funcionários. Destacam que é um local organizado, limpo e que acomoda bem os grupos nos horários de troca de turnos e aulas. Os alunos relataram impressões semelhantes.

Quando questionados sobre o que lhes agrada em relação aos corredores da escola, os professores ressaltam que os corredores são amplos e aconchegantes, com murais em que são expostas as atividades dos alunos e cartazes informativos. É um espaço limpo e organizado, com a identificação das salas, banheiros e cozinha.

Segundo Yoshisato e Francisco (2015), a partir do momento que a criança interage com o espaço físico, ela começa a se relacionar com o mundo, qualificando esse espaço, adicionando suas emoções, vivências e experiências. Os encontros, conversas e atividades desenvolvidas nesse ambiente precisam ser construídas de forma que todos se sintam parte e que se reconheçam na organização e funcionalidade atribuída aos corredores da escola.

Quanto ao espaço “sala de aula”, os alunos e professoras da Escola A foram questionados sobre alguns aspectos como limpeza, claridade e circulação de ar, e responderam que suas salas de aula são limpas, claras e arejadas.

Durante a realização da entrevista, os alunos afirmaram que a sala é arejada por ventilação mecânica, por meio de ventiladores, pois algumas salas da escola são praticamente coladas com um muro, dificultando a ventilação natural do ar. Todas as salas observadas possuem ventiladores de teto e tufões de parede.

As professoras, quando questionadas acerca da amplitude espacial das salas de aula para garantir a circulação entre os alunos, foram unânimes ao responder que sim, bem como afirmaram que o espaço disponível nas salas de aula possibilita a plena organização dos materiais necessários para o desenvolvimento das atividades letivas, como, por exemplo, a exposição das produções, atividades e pesquisas realizadas pelos alunos.

Ermel e Bencostta (2019) afirmam que

[...] a discussão acerca da transposição de modelos internacionais, assim como as representações e a construção visual dos edifícios escolares e, também, de sua configuração são considerados essenciais para a melhoria e/ou qualidade das atividades de ensino e aprendizagem.

Portanto, a observação de todos os detalhes na organização do espaço sala de aula se faz necessária para que a efetividade dos processos educativos seja alcançada. Pode-se citar como exemplo a importância da observância da disposição das carteiras para que estas acomodem bem os materiais dos estudantes para a realização das atividades, uma vez que precisam visualizar com qualidade o que é escrito no quadro branco.

Durante a observação das salas de aula constatou-se que as carteiras acomodam bem os materiais dos alunos, se dispostos de modo organizado sobre a carteira, e a disposição das mesmas favorece a visão dos alunos em relação ao quadro, até para aqueles que sentam no fundo da classe. Os discentes com necessidades especiais sentam-se nas primeiras fileiras, facilitando o aprendizado.

Segundo Carbello e Ribeiro (2020), é necessária a oferta de educação de qualidade e integral básica. Contudo, percebe-se que são necessárias ações mais efetivas nesse sentido para que os prédios escolares acomodem, de fato, todas as orientações arquitetônicas da atualidade.

O currículo escolar considera o aprendizado das disciplinas convencionais, assim como prevê espaços favoráveis para integração e socialização. Como descrito no texto acima, o referido espaço para a maior socialização dos educandos é o pátio.

A equipe escolar vem ampliando e diversificando o uso dos espaços escolares, e a Escola A possui profissionais da educação dispostos a reinventar e construir essa escola. A instituição escolar não possui, por exemplo, uma biblioteca, porém, dentro das salas de aula existem estantes com diversos livros disponíveis para os educandos realizarem a leitura.

A instituição escolar foi construída há muitos anos, já passou por algumas reformas, e o responsável por essas mudanças e melhorias é o setor de manutenção da Secretaria Municipal de Educação, setor mantido pela Prefeitura Municipal de Colatina.

A instituição escolar trabalha numa responsabilidade compartilhada com as demais autoridades encarregadas da gestão dos órgãos do poder público, na busca de parcerias possíveis e necessárias, até porque educar é responsabilidade da família, do Estado e da sociedade.

## **CONCLUSÃO**

As análises dos dados coletados na pesquisa realizada apontam que os espaços escolares são utilizados de forma a potencializar o processo de ensino aprendizagem, possibilitando interações qualificadas dos sujeitos que utilizam esses espaços. Professores e alunos afirmam em seus relatos a compatibilidade do pátio, corredores e salas de aula com a efetivação de práticas pedagógicas pertinentes com as etapas de ensino ofertadas na referida unidade escolar.

É importante destacar que professores e alunos descrevem que o pátio da escola possibilitaria melhorias nas interações coletivas se este fosse de proporções mais ampliadas, no entanto, a organização estabelecida pela equipe gestora da escola, juntamente com os professores, é capaz de proporcionar uma utilização racionalizada do referido espaço.

Conclui-se, a partir das análises realizadas, que professores e alunos percebem as potencialidades e fragilidades dos espaços escolares pesquisados e juntos com os demais membros da comunidade escolar são capazes de propor e articular ações para a minimização das problemáticas apontadas nesta pesquisa.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, S. B. A Escola Parque da Liberdade, Bahia. In: MONARCHA, C. (Org.). **Anísio Teixeira: a obra de uma vida**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. p.125-140.

BARBANTI, M. L. H. **Escolas americanas de confissão protestante na província de São Paulo: um estudo de suas origens**. 1977. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, USP, 1977.

BENCOSTTA, M. L.; ERMEL, T. Dossiê: arquitetura escolar: diálogos entre o global, o nacional e o regional na história da educação. **História da Educação**, v. 23, p. 1-143, 2019.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e B. Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996**. Brasília, DF: Presidência da República, [2016]. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm). Acesso em: 05 jul. 2019.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica**. Brasília: MEC, 2013. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=13448-diretrizes-curriculares-nacionais-2013-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=13448-diretrizes-curriculares-nacionais-2013-pdf&Itemid=30192). Acesso em: 05 jul. 2019.

CARBELLO, S. R. C; RIBEIRO, R. **Escola parque: notas sobre a proposta de Anísio Teixeira para o ensino básico no Brasil**. UNESP – Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências e Letras. Araraquara – SP – Brasil, 2020. Disponível em: <file:///C:/Users/Usuario/Desktop/PROJETO%20DE%20INICIA%C3%87%C3%83O%20CIENT%C3%8DFICA/7041-17868-1-PB%20escola%20parque.pdf>. Acesso em: 18 de abr. de 2020.

CARDOSO, Tereza M. Rolo Fachada Levy. **As luzes da educação: fundamentos, raízes históricas e prática das Aulas Régias no Rio de Janeiro, 1759-1834**. 355f. 1998. Tese (Doutorado em História). - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, UFRJ, 1998.

CENTRO DE EDUCAÇÃO E DOCUMENTAÇÃO PARA A AÇÃO COMUNITÁRIA. **Livro do Diretor: escola, espaços e pessoas**. São Paulo: CEDAC/MEC/UNESCO, 2002.

DEWEY, J. **Arte como experiência**. Tradução de Vera Ribeiro. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

FARIA FILHO, L. M.; VIDAL, D. N. Os tempos e os espaços escolares no processo de institucionalização da escola primária no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, n.14, p. 19-34, 2000. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbedu/n14/n14a03.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2020.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 2000.

GHIRALDELLI JR., Paulo. **História da educação**. São Paulo: Cortez, 1990.

GONÇALVES, Rita de Cássia. A Arquitetura escolar como materialidade do direito desigual à educação. **Ponto de Vista**, v. 1, n. 1, julho/dez. 1999. Disponível em: file:///C:/Users/User/Downloads/1520-5018-1-PB.pdf. Acesso em: 08 jul. 2019.

HAMZE, Amelia. Escola nova e o movimento de renovação do ensino. **Brasil escola**. [s.d.] Disponível em: <https://educador.brasilecola.uol.com.br/gestao-educacional/escola-nova.htm>. Acesso em: 07 jul. 2020.

HILSDORF, M. L. S. **Francisco Rangel Pestana**: jornalista, político, educador. 1986. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1986.

KOWALTOWSKI, D. C. C. K. **Arquitetura Escolar**: o projeto do ambiente de ensino. São Paulo: Oficina de Textos, 2011.

LIMA, M. W. S. **A cidade e a criança**. São Paulo: Studio Nobel, 1989.

LIMA, G. A. P; SOUZA, S. T. **Escolas polivalentes na ditadura civil-militar**: marco no modelo de ensino profissionalizante ou instrumentos de propaganda do regime? O processo de implantação do polivalente de Ituiutaba- MG (1974-1985), 2016. Disponível em: <https://www.fe.unicamp.br/eventos/histedbr2016/anais/pdf/1007-2700-1-pb.pdf>. Acesso em: 24 abri. 2020.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. A. D. **Pesquisa em Educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MARCÍLIO, M. L. **História da escola em São Paulo e no Brasil**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Instituto Fernand Braudel, 2005.

MINSITÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Sobre o Programa Proinfância**. 2007. Disponível em: <https://www.fnde.gov.br/programas/proinfancia/sobre-o-plano-ou-programa/sobre-o-proinfancia>. Acesso em: 08 jul. 2019.

TEIXEIRA, Anísio. A Escola Parque da Bahia. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Rio de Janeiro, v. 47, n. 106, abr./jun., p. 246-253, 1967. Disponível em: <http://www.bvanisioteixeira.ufba.br/artigos/cecr.htm>. Acesso em: 16 abri. 2020.

\_\_\_\_\_. Centro Educacional Carneiro Ribeiro. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Rio de Janeiro, v. 31, n. 73, jan./mar. 1959. p.78-84. Disponível em: <http://www.bvanisioteixeira.ufba.br/artigos/cecr.htm>. Acesso em: 16 abri. 2020.

WOLFF, S. F. S. **Espaço e educação**: os primeiros passos da arquitetura das escolas públicas. 1992. Dissertação (Mestrado em Arquitetura). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, USP, 1992.

\_\_\_\_\_. **Escolas para a República**: os primeiros passos da arquitetura das escolas públicas paulistas. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2010.

YOSHISATO, T; FRANCISCO, A. M. A criança e seu espaço: uma leitura sobre arquitetura escolar e os ideais pedagógicos. **Colloquium Humanarum**, v. 12, n. 2, p.1-10, 2015. DOI: 10.5747/ch.2015.v12.n2.h198.